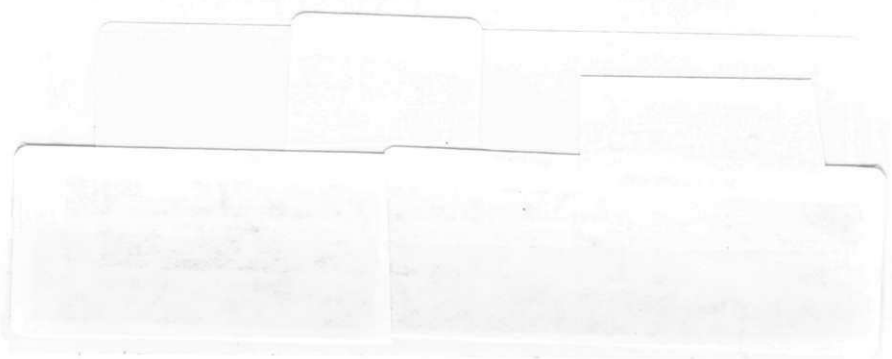


**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

PATRÍCIA DE SOUSA OLIVEIRA

Avaliação Escolar: limites e possibilidades



CAJAZEIRAS-PB/2005

PATRÍCIA DE SOUSA OLIVEIRA

Avaliação Escolar: limites e possibilidades

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia,
Universidade Federal de Campina Grande,
como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciada em Pedagogia,
habilitação Supervisão Escolar .

Orientadora: Prof^a Ms. Maria de Lourdes Campos

**CAJAZEIRAS-PB
2005**



0482a Oliveira, Patricia de Sousa.
Avaliação escolar: limites e possibilidades / Patricia de Sousa Oliveira.- Cajazeiras, 2005.
23f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2005.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Avaliação educacional. 2. Avaliação - tipos - conceitos. 3. Avaliação - função. I. Campos, Maria de Lourdes. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 37.091.26

DEDICATÓRIA

Agradeço a realização deste trabalho a meus pais que nunca deixaram de acreditar em meu potencial, que renunciaram às suas aspirações para que eu pudesse alcançar as minhas, a vocês, meu sincero OBRIGADO!

UNIVERSIDADE FEDE
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
AS PARAIÁ

AGRADECIMENTO

A minha mestra a professora Lourdes Campos, que dividiu comigo seus conhecimentos na busca de um resultado comum, que soube me incentivar em todos os momentos, foi muito mais que mestra, foi amiga.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	05
CAPÍTULO I	
1. A TRAJETÓRIA DA AVALIAÇÃO EDUCACIONAL	06
1.1 Conceitos de avaliação	07
1.2 Tipos de avaliação	08
1.3 Funções da avaliação	10
CAPÍTULO II	
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	11
2.1 Caracterização do campo de estudo	11
CAPÍTULO III	
ANALISE DOS DADOS	13
CAPÍTULO IV	
ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO ESTÁGIO	16
CONCLUSÃO	20
BIBLIOGRAFIA	21

INTRODUÇÃO

O ato de avaliar é de suma importância no contexto escolar, as propostas curriculares atuais primam pela melhoria do processo de ensino aprendizagem, permitindo assim, novas reflexões e ações educativas significativas para o educando. Visto que os alunos possuem características diferentes, não podendo ser tratados de forma igual, a avaliação deve apresentar critérios claros e relevantes para o currículo e possibilitar a todos os alunos oportunidade para mostrarem conhecimento, compreensão e destreza.

A partir de uma conversa com os professores das séries iniciais da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Luiz Cartaxo Rolim, optou-se trabalhar o tema “Avaliação Escolar: limites e possibilidades”, como se observa, os professores, muitas vezes não têm uma clareza do verdadeiro sentido da avaliação. Neste sentido, percebe-se que o processo avaliativo ainda vem inquietando os profissionais da educação, no que diz respeito as reais funções da avaliação e sua aplicação nas atividades de ensino aprendizagem.

Constatando estas dificuldades, este trabalho pretende refletir alguns conceitos de avaliação, suas funções e formas de avaliar, no sentido de nortear o trabalho do educador. O processo avaliativo deve ir além do ato de medir, comparar ou julgar, devido sua importância social e política.

Este estudo visou possibilitar aos professores informações no sentido de ajudar os docentes a minimizarem as dificuldades do processo de ensino-aprendizagem. Os estudos foram iniciados através de discussões e reflexões teóricas na visão de diversos autores como forma de proporcionar uma visão mais ampla sobre a avaliação escolar. Nos procedimentos metodológicos utilizamos um questionário com questões abertas e fechadas: Você gosta de avaliar? Quem participa do processo avaliativo? Você enfrenta dificuldades de avaliar seus alunos? O que você utiliza para avaliar seus alunos? Antes de trabalhar a recuperação você revisa os conteúdos? O que você entende por avaliação? Qual a importância da avaliação?

Na análise dos dados segue as informações coletadas junto aos professores e nas atividades desenvolvidas são apresentados os textos reflexivos, discussões, debates e relatos de experiências.

CAPÍTULO I

1.A TRAJETÓRIA DA AVALIAÇÃO EDUCACIONAL

Transformar a prática avaliativa significa questionar a educação desde suas concepções, seus fundamentos, sua organização, suas formas avaliativas, exige mudanças conceituais, redefinição de conteúdos e das funções docentes. Para nortear este estudo nos ancoramos nas idéias de vários autores: Libâneo (1992) Gama(1993), Saul(1995), Sousa(1995), Piletti(1995) Freire(1996), Estebam(1999), Luckesi(1999), Perrenoud(1999), Saviani(2000), Hoffmann(2001), Morin(2002), Romão(2003).

No início do século, XX, há uma tomada de consciência onde se percebe que o modelo educacional herdado do Império havia causado um atraso em termos culturais e que o motivo das crises econômicas era a ignorância do povo, passa-se assim a dar mais importância à educação e surgem várias políticas voltadas a esta área.

O pensamento sobre a avaliação escolar teve como um dos precursores mais importantes Ralph Tyler, com a proposta de avaliação sobre o caráter de controle do planejamento, os anos de 1930 e 1945 foram caracterizados de período “Tyleriano” onde seus pensamentos influenciaram vários estudos:

Robert Thorndike orienta o desenvolvimento de testes educacionais padronizados com a preocupação básica da mensuração das capacidades humanas, e Smit apresenta o “Estudo dos Oitos Anos” que inclui a uma variedade de procedimentos avaliativos para colher evidências sobre o rendimento dos alunos, todos orientados por Tyler.

Outros autores destacaram estudos nesta mesma visão tylorista, exemplo de Robert F. Mager (1962) e seu seguidor James Popham (1969) com a caracterização dos objetos operacionais que tornariam o professor um técnico, e é a partir de 1970 com a publicação, de Eva Baker, de cinco manuais para definir os objetivos comportamentais, que auxiliariam o professor a eficiência dos procedimentos de avaliação na sala de aula, que surge a necessidade de testar estas propostas.

A produção norte-americana chegou ao Brasil na década de 60, sendo difundida através dos professores brasileiros que faziam cursos nos Estados Unidos pelo PABAE (Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar).

Os primeiros autores a disseminarem as idéias de Tyler no Brasil, foram: Dalila Sperb com a publicação do primeiro manual de currículo no Brasil, Marina Couto e Lady, Tina Traldi que resumiram as ideias de Tyler, Ethel Bauzel Medeiros (1971) publica sua obra, *As provas objetivas técnicas de construção*, que se reporta a elaboração de provas para a comprovação da aprendizagem do aluno.

A partir dos anos 80 novas abordagens surgem, como a avaliação qualitativa, avaliação formativa, avaliação dialógica, com várias críticas a idéia de mensuração das capacidades humanas e embora a prática na maioria das unidades escolares seja voltada a avaliação tradicional, as experiências em outras linhas vêm aumentando com sucesso.

Entende-se que a avaliação se faz necessária para que possamos refletir, questionar e transformar nossas ações, ela proporciona o apoio a um processo a decorrer, contribuindo para a obtenção de produtos ou resultados de aprendizagem.

1.1 Conceitos de Avaliação

Referente aos conceitos de avaliação apresentamos a visão de Libâneo (1992 p.196), a avaliação escolar é:

[...]um componente do processo de ensino que visa, através da verificação e qualificação dos resultados obtidos, determinar a correspondência destes com os objetivos propostos e, daí, orientar a tomada de decisões em relação às atividades didáticas.

Esta avaliação deve prever a evolução de um objeto avaliado, fornecendo informações de orientação para um planejamento voltado as necessidades encontradas.

Na perspectiva de Luckesi (1999, p.43.) “Para não ser autoritária e conservadora, a avaliação tem a tarefa de ser diagnóstica, ou seja, deverá ser instrumento da identificação de novos rumos.”

A avaliação diagnóstica é a modalidade de avaliação que averigua se os alunos possuem os conhecimentos e aptidões para poderem iniciar novas aprendizagens.

Acrescente-se que a avaliação diagnóstica não ocorre em momentos temporais determinados, podendo realizar-se no início do ano, no início de uma unidade de ensino e sempre que se pretende introduzir uma nova aprendizagem.

De acordo com Hoffmann (2001, p.78.)

“podemos pensar na avaliação mediadora como um processo de permanente troca de mensagens e significados, um processo interativo, dialógico, espaço de encontro e de confronto de idéias entre educador e educando em busca de patamares qualitativamente superiores de saber.”

Nesta concepção percebe-se a importância de uma constante atualização do professor para estar ajustando-se as diferentes demandas dos alunos, há uma intenção de superar o método tradicional onde o professor deixa de ser o centro do processo para ser um facilitador da aquisição das aprendizagens.

1.2 Tipos de Avaliação

Ao refletir os tipos de avaliação, segue algumas considerações sobre a classificatória, a diagnóstica e a mediadora.

A avaliação classificatória constitui-se no modelo de avaliação tradicional apresentado por Tyler e vários de seus seguidores, que permaneceu por várias décadas e ainda hoje é bastante utilizada.

[...] o processo destinado a verificar o grau em que mudanças comportamentais estão ocorrendo [...] A avaliação deve julgar o comportamento dos alunos, pois o que se pretende em educação é justamente modificar tais comportamentos.” (Hoffmann apud Tyler, 1995 p. 40)

Na avaliação classificatória destaca a importância das medidas de dimensões ou aspectos quantificáveis, tem por efeito hierarquizar e classificar os alunos, as escolas que seguem esta visão preocupam-se com a nota ou conceito atribuído ao aluno. “A avaliação quantitativa tem, como preocupação única comprovação do grau em que os objetivos previamente estabelecidos foram alcançados” (Saul, 1995 p. 44)

A nota acaba se tornando um fim em si mesma ficando muito distanciada e sem relação com as situações de aprendizagem. A avaliação classificatória torna a participação do aluno, no processo de aprendizagem pequena e, muitas vezes, ele nem tem clareza do porquê dos resultados obtidos.

Segundo Luckesi (1997, p.35)

[...] com a função diagnóstica, ..., ela constitui-se num momento dialético do processo de avançar no desenvolvimento da ação do crescimento para a autonomia, do crescimento para a competência etc.

Na avaliação diagnóstica percebe-se que a preocupação com o processo contínuo de aquisição da aprendizagem, de forma permanente levando em conta não só os resultados, mas o que ocorreu no caminho para alcançar o fim.

A avaliação diagnóstica, reforça a mudança, a dinâmica o desejado, é processual.

“... o conhecimento produzido pelo educando, num dado momento de sua experiência de vida, é um conhecimento em processo de superação”. (Hoffmann, 1995 p. 67)

Esta forma de avaliar está voltada para o levantamento das dificuldades dos alunos, como acompanhamento da aprendizagem, passa a contribuir com a função básica da escola, que é promover o acesso ao conhecimento.

A avaliação mediadora propõe a busca contínua de novos conhecimentos, parte da crítica do estático do homem mesmo, do conhecimento de suas potencialidades, seus limites seus traços e seus ritmos específicos. O educador passa a rever e refazer seus procedimentos para promover a construção das idéias, ocorre uma troca mútua de conhecimentos.

“... avaliação mediadora como um processo de permanente troca de mensagens e de significados, um processo interativo, dialógico, espaço de encontro e de confronto de idéias...” (Hoffmann, 2001 p. 78)

A interação entre educador e educando é permanente, permeia todo o processo onde o professor tanto ensina como aprende. O princípio desta corrente é o de promover e não selecionar, buscando através da observação diária a percepção dos momentos de aprendizagem de cada aluno, para que seu conhecimento tenha sentido e possa se firmar.

“O processo avaliativo, em sua perspectiva mediadora destina-se, assim, a acompanhar, entender, favorecer a contínua progressão do aluno,..., no sentido de favorecer a abertura do aluno a novas possibilidades”.

Esta avaliação mediadora fundamenta-se nos processos de aprendizagem, em seus aspectos cognitivos, afetivos e relacionais; em aprendizagens significativas e funcionais que se aplicam e se atualizam em diversas etapas do contexto onde se fizer necessária para que se continue a aprender.

1.3 As Funções da Avaliação

Segue algumas funções mais comuns na prática educativa:

A função prognóstica é feita no início de um curso ou ano letivo, com o intuito de verificar se há domínio de alguns conhecimentos e habilidades prévias para o desenvolvimento das atividades e procedimentos específicos. Durante o trabalho com a turma esta função é utilizada várias vezes para introduzir uma unidade ou um novo tema.

A função diagnóstica serve para avaliar a capacidade que um aluno possui para frequentar determinados cursos ou disciplinas, ela averigua se os alunos possuem os conhecimentos e aptidões para poderem iniciar novas aprendizagens. Acrescente-se que avaliação diagnóstica não ocorre em momentos temporais determinados, podendo realizar-se no início do ano, no início de uma unidade de ensino e sempre que se pretende introduzir uma nova abordagem disponibilizando instrumentos e estratégias para superação das deficiências encontradas.

As funções apresentadas não se excluem entre si, percebe-se que a função prognóstica pode desempenhar um papel diagnóstico pois ambas fundamentam-se no prognóstico dos pré-requisitos e buscam meios de superar dificuldades. A função classificatória é também importante, pois é através dela que se tem um resultado quantitativo importante para verificar se o aluno conseguiu absorver os objetivos finais.

A função classificatória tem sido a principal função da avaliação, classificar através da atribuição de notas, já que a meta do sistema de ensino, voltada aos interesses da classe dominante, aponta para a competição em preparar o homem para superar seu semelhante, a avaliação torna-se um mecanismo de controle, o que importa é a memorização dos conteúdos e não a aprendizagem

Ainda outra função apontada por Libâneo, a pedagógico-didática onde a avaliação volta-se ao cumprimento dos objetivos gerais e específicos da educação escolar com o intuito de averiguar se as finalidades essenciais foram alcançadas como também de envolver o aluno na responsabilidade de sua própria instrução.

CAPÍTULO II

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo foi realizado com os professores com os seguintes objetivos:

- ✓ Analisar o processo avaliativo da escola;
- ✓ Identificar as concepções avaliativas dos professores;
- ✓ Caracterizar o processo avaliativo da escola.

O estudo exploratório tem a finalidade de explorar, investigar, oferecendo uma aproximação acerca dos objetivos, e uma contribuição de esclarecimentos e estudos mais aprofundados sobre o tema. Neste tipo de estudo é possível buscar as informações e dados relevantes através de um contato direto com os sujeitos da amostragem facilitando a obtenção de um trabalho real e mais produtivo.

Um outro aspecto desta pesquisa é possuir um caráter quantitativo e qualitativo, pois, entende-se que no método quantitativo, através de dados estatísticos evita-se a distorção de análise e interpretação diminuindo a margem de erros, e através do método qualitativo pode-se entender a natureza de um fenômeno social, assim volta-se para a análise e interpretação das variáveis e particularidades dos envolvidos neste estudo.

Na coleta dos dados foi utilizado um questionário com questões abertas e fechadas, constituído de uma série ordenada de perguntas relevantes ao tema.

Os encontros foram realizados com a apreciação de textos para o aprofundamento da temática, assim como relatos de experiências e troca destas vivências, que enriqueceram a coleta.

2.1 Caracterização do campo de estudo

A Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Luis Cartaxo Rolim foi inaugurada em 31 de dezembro de 1973 na administração do Prefeito Municipal Dr. Antonio Quirino de Moura, recebendo este nome por homenagem ao senhor que doou o terreno para a sua construção.

A referida Escola está situada num bairro de classe baixa, seus moradores são pessoas humildes que trabalham duro para sua subsistência, o bairro é assistido por programas sociais de saneamento, PSF (Programa de Saúde na Família), as ruas são calçadas, o problema mais agravante é a falta de emprego que leva seus moradores a se submeterem a sub-empregos.

A escola antes era composta de 04 (quatro) salas de aula, 02 (dois) banheiros, 01 (uma) cozinha e uma sala que funcionava a secretaria, a sala de professores e a biblioteca. Após a reforma em 2003, passou a dispor de 06 (seis) salas de aula, 08 (oito) banheiros e 01 (uma) secretaria, 01 (uma) biblioteca, 01 (uma) sala de vídeo 01(uma) cozinha e 01 (uma) dispensa.

A escola atende a 531 alunos distribuídos na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de jovens e Adultos, o Quadro Demonstrativo Administrativo-Pedagógico é composto por 01 diretor, 02 diretor adjunto, 01 coordenadora pedagógica e 21 professores, no quadro técnico de apoio tem 03 auxiliar de serviço, 03 agente administrativo e 02 vigilantes.

A área da escola é bem ventilada e iluminada, em bom estado de conservação, algumas salas dispõem de ventiladores de teto, todas possuem birô e carteiras suficientes ao número de alunos, sobre o material de audiovisuais possui: 01 televisão, 01 vídeo cassete, 01 antena parabólica, 01 caixa amplificadora com microfone, 01 microsistem, 01 máquina fotográfica e um mimeógrafo.

Durante os encontros feitos na escola pude observar que há uma interação muito grande entre os funcionários, durante eventos promovidos pela Secretaria de Educação e Cultura, todos cooperam para a realização dos mesmos, as decisões são tomadas de forma democrática.

CAPÍTULO III

3. ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram coletados através de um questionário com questões abertas e fechadas com as professoras das séries iniciais do ensino fundamental.

Referente a **idade** 14,2% tem entre 20-30 anos, 28,4% entre 30-40 anos e 57,4% entre 40-50 anos. **sexo** – 100% são do sexo feminino, o que demonstra que a maioria que trabalha como professora nas séries iniciais do ensino fundamental são mulheres.

Em relação ao **tempo de atuação** 43,2% tem entre 0-10 anos, 28,4% entre 11-20 anos e 28,4% entre 21-30 anos de magistério. Percebe-se que é o quadro dos professores a sua maioria possuem vários anos de atuação.

No que diz respeito ao **nível de formação** 43,2% possui o nível médio (pedagógico) e 56,8% o nível superior nos cursos: Geografia, Letras e História, o que segundo a LDB é necessário para atuar no magistério.

Questionadas se **gostavam de avaliar** 72% respondeu que sim e 28% que não, segundo a diretora: “Temos que avaliar o aluno a todo momento”, ela demonstra perceber a necessidade da avaliação diária. A professora D coloca que: “Porque fico conhecendo o nível de aprendizagem do aluno”, preocupada com o que o aluno aprendeu.

Referente a **quem participa do processo de avaliação**, 100% das professoras colocaram que o professor participa do processo avaliativo, sendo que destes 01 colocou que também participam o diretor e o supervisor, 01 aponta o diretor, 02 apresenta que também o diretor, o supervisor e os pais e 03 que apenas o professor faz parte do processo do processo avaliativo. A avaliação não tem necessariamente de ser uma tarefa exclusiva dos professores, como foi citado, ela pode ser partilhada com outras pessoas que fazem parte do apoio educativo como também, embora não mencionado, com os próprios alunos.

Questionados sobre **quando são avaliados os alunos** 100% responderam que diariamente, demonstrando que seguem, aparentemente por uma avaliação formativa que acompanha permanentemente o processo de ensino-aprendizagem.

Enfrentam dificuldades para avaliar seus alunos 57% respondeu que sim e 43% que não, na compreensão da professora D, existe “falta de interesse em realizar as atividades, o que pode ocorrer por falta de estímulo, onde a atividade pode está totalmente desvinculada de seu

campo de interesse. A professora E, enfatiza que: “a falta de acompanhamento dos pais”, sabe-se que nos tempos atuais, independente de classe social, os pais encontram-se geralmente ocupados e distantes da vida escolar dos filhos.

O que utilizam para avaliar os alunos, 85,7% utilizam trabalho individual para avaliar sendo que 01 trabalha também com prova escrita e trabalho em grupo, 02 trabalham com prova escrita, trabalho individual, trabalho em grupo, 01 utiliza prova oral e trabalho em grupo, 02 utilizam também desenhos e pinturas, percebe-se que dos recursos utilizados a predominância é trabalho individual e trabalho em grupo, estas modalidades são vantajosas no sentido de possibilitar um trabalho organizado em classes numerosas e a trabalhar diversos conteúdos em caso do tempo não ser ideal.

Quais os aspectos considerados ao avaliar os alunos 57,1% trabalham com domínio de conteúdo, frequência, participação, comportamento, interesse e criatividade, 28,6% trabalham apenas com frequência e 14,3% trabalha com domínio de conteúdo, participação, comportamento e interesse. Percebe-se que a maioria dos professores avaliam seus alunos levando em consideração os diversos aspectos como domínio de conteúdo, frequência, participação, comportamento, interesse e criatividade, o que é considerado positivo porque possibilita que o aluno seja avaliado de forma ampla dando-lhe oportunidade de se sobressair nos aspectos que ele tiver maior domínio.

Questionadas se antes de trabalhar a recuperação revisavam os conteúdos 100% respondeu que sim, a professora E esclareceu que “Para ter um bom desenvolvimento nos seus trabalhos”, é necessária uma revisão do conteúdo para esclarecer dúvidas, pois não teria sentido a recuperação se não fossem esclarecidas as dúvidas dos alunos.

O momento em que se trabalha a recuperação 43% respondeu que após o término de cada conteúdo, 28,5% que após o término do bimestre e 28,5% não opinaram, entende-se que a recuperação deve ser feita de forma contínua e sistemática para melhor detectar os problemas e recuperar as falhas.

Sobre a concepção que elas tem sobre avaliação a professora A coloca que ao: “Avaliar os seus alunos você entende que os seus alunos são capazes de aprender muito rápido”, percebe-se pois que a preocupação é na assimilação de conteúdos que, o aluno deve ter.

A professora D: “Processo conhecimento do nível de aprendizagem do aluno;” a avaliação escolar é instituída pela cultura da mensuração, seguindo as normas jurídicas dos regimentos escolares.

A professora E coloca: “Avaliar é: desenvolver uma boa aprendizagem dentro dos conteúdos aplicados. É também de forma integral”, observa-se que há uma preocupação em analisar outros fatores que circunda no processo de aprendizagem, ela demonstra a preocupação com os conhecimentos que o aluno gere concomitantemente aos pré-estabelecidos.

A questão que se refere a importância da Avaliação, a diretora respondeu: “Saber se seus objetivos foram alcançados. As idéias das demais professoras estão ancoradas neste mesmo pensamento, Luckesi fala sobre esta importância (1999, p.43) “... deverá ser o instrumento dialético do avanço, terá de ser o instrumento da identificação de novos rumos.”. Onde esclarece a necessidade de se servir da avaliação para proporcionar a superação de limites no processo ensino-aprendizagem.

IV CAPÍTULO

4. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO ESTÁGIO

No primeiro encontro foi apresentado o projeto do estágio, em seguida discutimos diversos conceitos de avaliação na visão de vários autores:

Segundo Bradfield e Moredock (1963, p. 16).

“A avaliação é o processo de atribuição de símbolos a fenômenos com o objetivo de caracterizar o valor do fenômeno, geralmente com referência a algum padrão de natureza social, cultural ou científica.”

Após a leitura e discussão dos conceitos de avaliação os professores fizeram reflexões das suas práticas, momento que a professora A colocou: “Sinto dificuldade de avaliar dentro de um sistema que exige pela nota.” Foram feitas observações sobre alunos que não sabiam ler nem escrever, mas assimilavam as informações mais rápido do que os outros.

Uma análise sobre a identificação da prática de cada uma com os conceitos expostos, foi feito destaque ao conceito de Luckesi, (1997).

“A avaliação deverá ser assumida como um instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vista tomar decisões suficientes e satisfatórias para que possa avançar no seu processo de aprendizagem”.

Sobre este conceito foi colocado pela professora que precisa-se “avaliar outros aspectos, procurando meios para objetivos comuns”.

Prosseguindo os encontros de estágio trabalhamos o texto de Jussara Hoffmann, Rumos da Avaliação Neste Século, com o intuito de apresentar a importância da avaliação na discussão foi destacado o pensamento da autora colocando que na avaliação precisa ser observado: “...o seu sentido ético, de juízo consciente de valor, de respeito às diferenças, de compromisso com a aprendizagem para todos e a formação da cidadania”.

“O aluno tem que aprender além do que é passado na sala”, as professoras comentaram que o aluno é avaliado só por suas habilidades mecânicas como ler e escrever, mas precisam ser avaliados num âmbito social e cultural que estão inseridos e levados a interagir em seu meio.

Entenderam que a avaliação é importante, como relata a professora: “se não tivesse a avaliação como saber se o aluno aprendeu ou não”, mostrando que embora a avaliação classifique como aprovado/reprovado ela é necessária para saber em nível de aprendizagem os alunos estão.

A avaliação diagnóstica é importante pois proporciona informações acerca das capacidades dos alunos antes de iniciar um processo de ensino aprendizagem.

Discutimos as funções da avaliação segundo Piletti: diagnóstica, a função controladora e a função classificatória. A função diagnóstica é aplicada no início de uma unidade, semestre ou ano letivo, a professora colocou: “avalia o nível de aprendizagem dos alunos.” Enfatizando a sua importância para traçar metas e delinear objetivos.

A avaliação formativa permite constatar se os alunos estão, de fato, atingido os objetivos pretendidos, representa o principal meio através do qual o estudante passa a conhecer os seus erros e acertos, como também orienta o trabalho do professor.

Foi colocado pela professora: “serve de reflexão para o professor”, ela enfatizou que se os alunos tiram notas muito baixas ela percebe que precisa rever seu método de ensino.

Sobre a avaliação somativa, tem a função classificatória, pois classifica os alunos no fim de um semestre, ano, curso ou unidade, colocaram que é importante pois precisam saber se o aluno pode ou não seguir em frente. Acrescenta-se que esta avaliação fornece um resumo das informações, obtendo-se uma visão de síntese.

O texto “As Múltiplas Dimensões do Olhar Avaliativo” da autora Jussara Hoffmann percebeu-se que ainda é dada ênfase ao registro de resultados como aborda a professora D: “A gente se preocupa em fazer nota para colocar no diário”, a escola exige este resultado periodicamente e o próprio sistema de ensino também.

A professora C colocou a sua preocupação em quantificar: “Eu tenho que ter as notas, senão, como vou dizer aos pais como o aluno vai indo”, esta afirmação reflete a preocupação com a não aceitação dos pais a um tipo de avaliação diferente da que estão acostumados, com o controle feito por nós.

O professor deve estar atento durante todo o processo adquirindo registros confiáveis.

“Quando se acompanha para ajudar no trajeto, é necessário percorrê-lo junto, sentindo-lhe as dificuldades, apoiando-o, conversando, sugerindo rumos adequados a cada aluno.” (Hoffmann, 2001, p.62).

A partir deste acompanhamento o professor terá clareza do caminho a ser trilhado e qual o desempenho de seus alunos, respeitando-os em suas particularidades e ajudando dentro de seus limites.

Refletindo o contexto de sala de aula foi abordado que existem alunos que “sabe escrever mas não sabe ler”, então foi sugerido leitura de texto, como forma de proporcionar a descoberta da leitura com jogos e tarefas concretas para que realmente aprendessem.

As professoras colocaram que suas práticas eram voltadas mais para a avaliação tradicional, a avaliação classificatória e que era difícil trabalhar em outra linha, já que percebiam que para isso precisariam de uma reformulação do projeto político.

Dando continuidade as discussões, trabalhamos as características da avaliação, sobre a classificatória observou-se que sua preocupação se pauta em atribuição de notas, em períodos determinados como fala a professora C: “A escola determina a data de entrega, e temos que está com as notas todas ali.” Mostrando que o importante para a escola é o produto que vai ser colocado em gráficos estatísticos com o intuito de verificar se a escola está “indo bem”.

Sobre a avaliação diagnóstica debateu-se que era feita por elas no início do ano, a professora D colocou: “Eu não sabia que avaliava com nota nesta avaliação diagnóstica”, no decorrer do debate enfatizou-se que este tipo de avaliação acompanha todo o processo.

A preocupação é com a superação das dificuldades face a novas aprendizagens que lhes vão ser propostas e a aprendizagens anteriores que servem de base àquelas.

Na avaliação dialógica ou cidadã observou-se a sua importância no sentido de uma reflexão problematizadora para que o aluno busque seu conhecimento. A professora C diz: “Eu me sinto muito insegura ao avaliar pois não tenho certeza se estou sendo coerente” apresentou que sempre faz análise dos resultados obtidos pelos alunos para verificar se precisa ajustar sua prática.

No texto de Celina Melchior “Os nove jeitos mais comuns de avaliar” as professoras apresentaram que trabalhavam com: prova objetiva, prova dissertativa e trabalho em grupo.

Ressaltaram que na prova objetiva o aluno tinha mais chances de acertar pois entre as resposta estava a certa, portanto ele iria lembrar do conteúdo e selecionar a correta. Podemos ressaltar que este tipo de prova possibilita um campo maior dentro do conteúdo abordado podendo avaliar o que o aluno aprendeu sobre dados específicos dos conteúdos.

Sobre a prova dissertativa a professora C comentou: “Este tipo de prova é melhor pois o aluno vai colocando do jeito que aprendeu”, importante ressaltar que esta modalidade de prova permite o aluno ter a liberdade de expor seus pensamentos.

No trabalho em grupo todas concordaram que eles produziam mais e melhor quando ajudado pelos colegas, a professora D enfatizou: “eles entendem um ao outro, as vezes a maneira que um colega explica fica mais fácil dele compreender.” Enfatizamos a necessidade do professor estar atento durante este processo para fazer orientações as equipes, e saber que este momento não deve substituir as experiências individuais.

Ainda comentou-se sobre a auto-avaliação, embora colocaram que não a praticavam com seus alunos, introduzimos a sua importância no sentido de que através da auto-avaliação o professor irá tomar conhecimento mais nítido nos anseios de seus alunos e de suas deficiências, e estes iriam adquirir capacidade de analisar suas aptidões e atitudes.

CONCLUSÃO

A avaliação da aprendizagem possibilita a tomada de decisão e a melhoria da qualidade de ensino, informando as ações em desenvolvimento e a necessidade de regulações constantes.

O processo de conquista do conhecimento pelo aluno ainda não está refletido na avaliação, a prática mais comum na maioria das instituições de ensino ainda é um registro em forma de nota.

Foi observado no estágio a preocupação com as notas que demonstram o quadro global dos alunos, para a promoção ou reprovação, elas também são usadas como fator negativo de motivação, onde os alunos estudam pela ameaça da prova, não pelo que a aprendizagem pode lhes trazer.

Os estabelecimentos de ensino devem se preocupar com o aluno, na sua inclusão social implicando na participação de todos os envolvidos no processo educativo.

Acreditamos que o grande desafio é uma mudança da avaliação de resultados para uma avaliação de processos, indicando a possibilidade de realizar-se na prática pela descrição da aprendizagem.

Os encontros desenvolvidos serviram para aquisição de conhecimento acerca da avaliação escolar através dos textos escolhidos como também de troca de experiência que resultou numa busca pela melhoria do ensino.

O momento do estágio foi crucial a minha formação pois tive a oportunidade de conviver com os problemas reais da prática docente e associa-las a teoria já coletada, fazendo análise e inferência das informações sendo assim esta pesquisa de campo serviu como instrumento individual para a contextualização das idéias e informações coletadas a contento dos objetivos propostos.

REFERÊNCIAS

- POPHAM, William James. **Manual de avaliação**: regras práticas para o avaliador educacional; Petrópolis, Vozes, 1977.
- LIBÂNIO, Jose Carlos. **Didática**; São Paulo: Cortez, 1992.
- GAMA, Zacarias Jacgger. **Avaliação na Escola de 2º grau**. Campinas, SP: Papirus, 1993
- SAUL, Ana Maria. **Avaliação Emancipatória**: Desafio à teoria e prática de avaliação e Reformulação do Currículo. São Paulo: Cortez, 1995.
- SOSA, Clariza Prado de (org). **Avaliação do rendimento escolar**. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- PILETTI, Claudino. **Didática geral**; São Paulo SP: Ática, 1995.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)
- ESTEBAM, Maria Teresa (org.) **Avaliação**: uma prática em busca de novos sentidos. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover**: as setas do caminho. Porto Alegre: mediação, 2001.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 1999.
- PERRENOUD, **Avaliação**: da excelência à regulação das aprendizagens. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SAVIANI, Demerval. **Saber escolar**, currículo e didática. Campinas: Autores Associados, 2000.

MORIM, Edgar. **Os saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF UNESCO, 2002.